

CRISE NO CONGRESSO

Brasília torna-se capital da indignação

*Escândalo do painel
provoca revolta
e tristeza nos
moradores da cidade*

VERA ROSA

BRASÍLIA – Na cidade acostumada a ver seu nome associado à delinquência política – “antro de corrupção”, “covil de ladrões” –, o sentimento é de pura indignação. Em Brasília, a violação do painel de votação do Senado virou tema obrigatório não apenas no Congresso e no Palácio do Planalto, mas também em rodas de amigos, mesas de bares, pontos de ônibus. Poucos querem saber de admoestar – verbo empregado à exaustão pelo ex-presidente do Senado Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) e que quer dizer advertir. Moradores do Plano Piloto e de cidades-satélites conjugam mesmo o futuro de cassar e reclamam da sina da cidade.

No Conjunto Nacional, um shopping encravado no Setor de Diversões Norte, a vista panorâmica para a Esplanada dos Ministérios, tendo o Congresso ao fundo, faz a crise política tomar conta da conversa. “Quando eu vejo aquele Congresso, tão perto e ao mesmo tempo tão distante de nós, tenho vontade de abaixar a cabeça de vergonha”, diz a funcionária pública Vivian Angélica dos Santos, de 24 anos, nascida e criada na capital federal. “Brasília não merecia isso: tudo o que Juscelino Kubitschek fez está sendo destruído”, completa Olizete Rosa Negreiros, de 73 anos.

TEMOR É
DE QUE SÓ
REGINA SEJA
PUNIDA

Paraense que vive há quase 30 anos em Brasília, Olizete também é funcionária pública, mas aposentada. “Nunca mais vou votar”, jura, garantindo que aproveitará a contragosto o direito ao voto facultativo, concedido às pessoas com mais de 70 anos. “Estou desencantada, desiludida com os políticos”, resume. Ela acha que, de todas as versões contadas sobre a quebra do sigilo na votação que cassou o mandato

de Luiz Estevão, a única convincente é a da ex-diretora do Prodasen Regina Borges. “Não é por ser mulher, mas tenho muita pena da Regina”, diz Olizete. Para ela, tanto ACM como o ex-líder do governo José Roberto Arruda (sem partido-DF), estão mentindo. “Só que a mulher é que vai padecer e pagar”, acredita.

Em conversas reservadas, funcionários do Prodasen consideram provável que isso aconteça. Notam que o episódio arranhou a imagem do órgão e de seus funcionários. Mesmo os que qualificaram Regina como ambiciosa mos-

traram-se surpresos com sua atitude de obedecer a uma ordem “suicida”.

“Todos são culpados: Arruda tem a guilhotina no pescoço, ACM é o mandante de tudo e Regina está mais enrolada do que espaguete”, compara Rogério Abrantes, operador de turismo de 38 anos e morador de Taguatinga, uma das mais populosas cidades-satélites. Brasiliense de coração, o maranhense Abrantes diz não se conformar quando ouve pessoas falando de Brasília como sinônimo de corrupção. “É uma fama injusta, pois a maioria dos políticos vem de fora”, ar-



Olizete: “Brasília não merecia isso: o que o Juscelino fez está sendo destruído”



Jonair: “É inexorável: no fim das contas, Jader também será cassado”



Vivian: “Quando vejo aquele Congresso, tenho vontade de abaixar a cabeça de vergonha”

que defendem a perda de mandato para ACM e Arruda. “Na situação em que as coisas estão, se eles não forem cassados o descrédito em relação ao Congresso será ainda maior”, observa. Há cinco anos trabalhando na Câmara, ele não teme represálias. “Sou concursado e não devo favor a nenhum dos 513 deputados ou dos 81 senadores”, avisa.

Assessor parlamentar do Senado, Antônio Nascimento, de 48 anos, acha que Arruda agiu como “moleque de recado” e ACM como “o todopoderoso” e, por isso, merecem pagar pelo que fizeram. Mas Nascimento encontra atenuantes para a Regina. “Ordem é ordem e, no lugar dela, também atenderia a um pedido superior”, admite.

Na Rodoviária, o consultor Jonair Mongin, de 57 anos, tem um palpite: a crise vai atingir em cheio o presidente do Senado, Jader Barbalho (PMDB-PA), acusado de participar do desvio de recursos do Banpará e da Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (Sudam). “É inexorável: no fim das contas, ele também será cassado”, arrisca.

Perto dele, o fotógrafo lamber-lambe Sidney Rodrigues, 19 anos, diz que não agüenta mais ouvir os fregueses falarem de crise política. “Isso virou um show”, reclama.

Sem resistir à tentação do céu azul, os funcionários do Ministério da Ciência e Tecnologia, Lucrécia Pereira e Ubirajara Rodrigues aproveitaram a hora do almoço de sexta-feira para passear. No fim, resolveram entrar na Catedral de Brasília. O sol iluminava a igreja. Na lista de pedidos, eles incluíram “alguns” para o Brasil. “Se não rezarmos por nossos parlamentares e governantes, estaremos perdidos”, brincou Rodrigues.

Na sua opinião, o mais recente escândalo mostra que é preciso “punir exemplarmente” Regina e cassar ACM e Arruda.

Congresso – A “população” do Congresso também assiste a tudo com expectativa. São 13.640 funcionários na Câmara e no Senado – entre servidores que entraram na vida pública por concurso e comissionados. “Tem gente aqui falando que isso vai acabar em pizza, mas eu não acredito”, afirma Djalma Louzeiro Cavalcante, 37 anos, segurança da Câmara.

Cavalcante faz coro com os